

Recebido em 29/09/2022 e aprovado em 29/04/2023

ESCOLA DE KYOTO E A IMPORTÂNCIA DA RELIGIÃO EM KEIJI NISHITANI ATRAVÉS DOS CONCEITOS DE NIILISMO, CRIPTONIILISMO E SUNYATA

Eduardo Gomes Fávoro¹
Amanda Keiko Yokoyama²

Resumo: Este trabalho tem como objetivo analisar a importância da religião em Keiji Nishitani a partir de conceitos como Ego, niilismo, criptoniilismo e Sunyata encontrados nas principais obras do autor e também nos apontamentos dos comentadores. Tendo este fundo, notou-se que para o autor japonês, o niilismo é consequência dos avanços da ciência aliados ao pensamento cartesiano, que fizeram o homem romper sua conexão com a natureza e Deus que davam sentido à sua existência, ocasionando no niilismo dois modelos principais: o criptoniilismo e o niilismo consciente. Ambos ainda presos na razão, não conseguem satisfazer a demanda por uma verdadeira conexão com a realidade, o que faz com que o autor aponte o Sunyata (vazio) como uma possível superação dessa condição. Sunyata para Nishitani é a possibilidade de esvaziar-se do ego e entrar em um contato profundo com a realidade e todos os seres, que é possível quando deixa-se de enxergar o mundo através do *cogito*. O vazio é uma condição de todos os seres devido ao caráter transitório da realidade, o que desafia todo o modelo baseado no ego, pois une tudo o que existe com o nada, transformando a relação indivíduo e mundo. Nishitani conclui que a religião tem como papel expor essas reflexões visando ajudar o caminhar do indivíduo solitário na contemporaneidade, trabalho este não realizado pelas instituições religiosas que se prenderam em suas discussões internas e que deveriam retornar aos seus antigos moldes de conversar e lidar com as angústias de nossos tempos.

Palavras-chave: Sunyata. Niilismo. Religião.

KYOTO SCHOOL AND THE IMPORTANCE OF RELIGION IN KEIJI NISHITANI THROUGH THE CONCEPTS OF NIHILISM, CRYPTONIHILISM AND SUNYATA

Abstract: This work aims to analyze the importance of religion in Keiji Nishitani using concepts such as Ego, nihilism, cryptonihilism, and Sunyata found in Nishitani's main works and also in the comments of commentators. Considering this background, it was noted that for the Japanese author, nihilism is a consequence of advances in science allied to Cartesian thought, which made man break his connection with nature and God, who used to give meaning to his existence, causing nihilism in two primary forms, which are cryptonihilism and conscious nihilism. Both, still trapped in reason, cannot satisfy

the demand for a genuine connection with reality, which makes the author point to Sunyata (empty) as a possible overcoming of this condition. For Nishitani, Sunyata is the possibility of emptying oneself of the ego and getting into deep contact with reality and all beings, which is possible when one stops seeing the world through the cogito. Emptiness is a condition of all beings due to the transitory nature of reality, which challenges an ego-based model, as it unites everything that exists with nothingness, transforming the individual-world relationship. Nishitani concludes that religion has the role of exposing these reflections to help the lonely walk of individuals in contemporaneity, an objective that was not carried out by religious institutions stuck in their internal discussions and should return to their old ways of talking and dealing with the anguishes of our times.

Keywords: Sunyata. Nihilism. Religion.

ESCUELA DE KYOTO Y LA IMPORTANCIA DE LA RELIGIÓN EN KEIJI NISHITANI A TRAVÉS DE LOS CONCEPTOS DE NIHILISMO, CRIPTONIHILISMO Y SUNYATA

Resumen: Este trabajo tiene como objetivo analizar la importancia de la religión en Keiji Nishitani utilizando conceptos como Ego, nihilismo, criptonihilismo y Sunyata que se encuentran en las principales obras de Nishitani y también en los comentarios de los comentaristas. Teniendo estos antecedentes, se anotó que para el autor japonés, el nihilismo es consecuencia de los avances de la ciencia aliados al pensamiento cartesiano, que hicieron que el hombre rompiera su conexión con la naturaleza y con Dios, quien solía dar sentido a su existencia, provocando el nihilismo en dos formas principales, que son el criptonihilismo y el nihilismo consciente. Ambos, aún atrapados en la razón, no pueden satisfacer la demanda de una verdadera conexión con la realidad, lo que hace que el autor señale a Sunyata (vacío) como una posible superación de esta condición. Sunyata para Nishitani es la posibilidad de vaciarse del ego y entrar en un contacto profundo con la realidad y todos los seres, lo cual es posible cuando dejas de ver el mundo a través del cogito. El vacío es una condición de todos los seres debido a la naturaleza transitoria de la realidad, que desafía un modelo basado en el ego, ya que une todo lo existente con la nada, transformando la relación individuo-mundo. Nishitani concluye que la religión tiene el papel de exponer estas reflexiones para ayudar al caminar solitario de los individuos en la contemporaneidad, objetivo que no fue llevado a cabo por las instituciones religiosas que se estancaron en sus discusiones internas y debían volver a sus antiguas formas de hablar y hablar. lidiando con las angustias de nuestro tiempo.

Palabras clave: Sunyata. Nihilismo. Religión.

1. A entrada da filosofia ocidental no Japão

A introdução do pensamento e da filosofia ocidental no Japão é realizada por Nishi Amane (1827-1897), ao final do Xogunato de Tokugawa (1853-1867). Ele traduziu para o japonês diversas palavras ocidentais, gerando vários neologismos, com o propósito de transmitir o significado nativo da palavra por meio da tradução, em uma tentativa de expressar o que o ocidente compreendeu por essas definições, um exemplo disso, foi o cuidado que Nishi Amane teve com a escolha dos ideogramas em Kanji para traduzir a palavra “Filosofia” ou “Estudos da filosofia ocidental”, representador por 哲学 (Tetsugaku), levando os ideogramas de 哲 (Tetsu) sabedoria e 学 (gaku) traduzido por estudos/ciência.

[...] o que talvez nos permita concluir que zhexue/che-hsüeh é a aprendizagem/o ensino da adequação das palavras (pensadas/faladas ou escritas) às ações. “Filosofar”, para um chinês, é integrar, em um todo harmônico, sensações e percepções, reflexões e imaginação, conhecimento e entendimento, expressão comunicativa e ações/realizações. Em japonês, 哲学 tetsugaku [palavra cunhada pelo filósofo Amane Nishi (1829-1897) em 1874] tem o mesmo sentido que o chinês 哲學, e na verdade é a origem desse vocábulo (pelo processo de wasei-kango). (FERNANDES, 2018, p. 12).

Esse primeiro contato com o pensamento ocidental é importante para entender como os intelectuais e a comunidade nipônica da época recepcionaram a cultura e o conhecimento ocidental, o que ajudaria a explicar o nascimento do que conhecemos como: a Escola de Kyoto.

2. A Escola de Kyoto

A primeira aparição da Escola de Kyoto acontece através de um artigo de jornal em 1932, a matéria tinha como título “A filosofia da Escola de Kyoto”, redigida por Tosaka Jun, na qual chamava a atenção para a aposentadoria de Kitaro Nishida da cadeira de filosofia da prestigiada Universidade Imperial de Kyoto. Nishida foi considerado o fundador não intencional da Escola e o principal expoente deste pensamento filosófico.

No entanto, essa nomeação foi atribuída apenas para definir um grupo de pensadores e intelectuais que desenvolveram uma corrente filosófica de

perspectiva nipônica em diálogo com a filosofia ocidental, e essa interação resultou no que o ocidente compreende por Filosofia, sendo assim, uma filosofia intercultural, o que fez o Japão ganhar reconhecimento na esfera filosófica mundial.

Seus principais expoentes e os pilares da Escola de Kyoto são: Kitaro Nishida, Hajime Tanabe e Nishitani Keiji. Os membros da Escola de Kyoto tornam-se referências em estudos sobre o Nada e o Vazio pelo viés zen budista, e isso é algo tão particular e peculiar destes intelectuais, que recebem o apelido de “filósofos do nada” por James Heisig (2001).

Neste artigo, abordamos os conceitos filosóficos desenvolvidos por Keiji Nishitani, o discípulo mais ilustre de Kitaro Nishida, e representante da segunda geração da Escola de Kyoto.

3. Keiji Nishitani (1900-1990)

Nishitani Keiji (西谷啓治) foi acadêmico, professor universitário e fez parte da segunda geração da Escola de Kyoto. Foi um leitor dedicado dos romances de Natsume Soseki e das obras de Daisetz Teitaro Suzuki, ambos faziam menção ao zen budismo em seus textos, o que fez Nishitani despertar o interesse pelo zen, por outro lado, Kitaro Nishida atraiu sua atenção para o campo da filosofia. Nishitani não se limitou apenas à literatura japonesa, tendo contato com autores e figuras ocidentais, como Nietzsche, Dostoiévski, São Francisco de Assis, entre outros.

Além das influências de Nishida, há um fato muito curioso que o fez escolher a graduação de filosofia na época, pois em seus escritos autobiográficos relatam que a decisão foi uma questão de “vida ou morte”. Neste período Nishitani encontrava-se sem esperança e submerso em sua própria niilidade.

Minha vida jovem pode ser descrita em uma única frase: foi um período absolutamente sem esperança... Minha vida na época estava inteiramente nas garras da niilidade e desespero... Minha decisão, então, de estudar filosofia foi de fato...por mais melodramático que possa parecer — uma questão de vida ou morte (NISHITANI apud HEISIG, 2001, p. 204. Tradução nossa).

Essa niilidade o acompanha desde sua infância, pois, quando ainda muito jovem perde seu pai para a doença epidêmica da época: a tuberculose, e não muito diferente, também contrai essa doença que assolou o Japão, e o que futuramente o deixará inapto fisicamente para ingressar na Universidade de Daiichi. Ao longo de sua vida, presencia as duas grandes guerras mundiais, sendo que, ao final da Segunda Guerra com a derrota do Japão e a ocupação norte americana, Nishitani sofre exílio acadêmico, sendo proibido de ocupar qualquer cargo público pelas autoridades estadunidenses.

Entretanto, foi neste período que Nishitani produz suas obras mais conhecidas, *A Auto Superação do Niilismo* e *A Religião e o Nada*, pois a niilidade além de ser presente em seus escritos e ensaios filosóficos, tornam-se tema central da discussão em suas obras publicadas no Pós -guerra, abordando o problema do niilismo com maior profundidade. Para isso, Nishitani faz o uso do termo Sunyata (vacuidade) e do budismo Mahayana. Esse pensamento/conceito é representado pelo ideograma 空.

4. Niilismo

Para o autor japonês, o niilismo nasce a partir de uma série de fatores que se conectam diretamente com o desenvolvimento histórico e cultural do ocidente, tendo como raiz principal o nascimento das bases da Ciência no renascimento (NISHITANI, 1982). Contudo, que bases são essas e onde elas levam? Para Nishitani, a Ciência e seu método contribuíram para uma separação da relação homem e natureza, fazendo com que este se enxergasse superior e fora dos movimentos e leis desta: “É um modo de ser em que cada homem usa as leis da natureza como se ele estivesse completamente isolado desta. Esse modo de ser representa uma inversão das leis da natureza levadas ao extremo” (Nishitani, 1982, p. 86. Tradução nossa).

Ao desmembrar a natureza e buscar controlá-la, os homens separam-se daquilo que antes os conectavam com a realidade e possibilitava um caminhar firme nessa terra (NISHITANI, 1982). As religiões primitivas, como

aponta Nishitani ao tratar tanto do budismo como do cristianismo, até então realizavam também esse papel fornecendo sentido nesse caminhar, ou seja, dando ao homem motivos para continuar caminhando (NISHITANI, 2006). A relação estabelecida do homem com a natureza e o divino permitiam que este se enxergasse como parte de algo, obtendo o sentimento de lugar comum:

Adiciona-se que, nas raízes da personalidade espiritual, um relacionamento com Deus enquanto uma personalidade absoluta era tida como concretizada, e essa relação sozinha era capaz de fornecer uma personalidade e espírito suficiente ao homem com alicerces firmes (NISHITANI, 1982, p. 89. Tradução nossa).

Com a diminuição da relevância destas, com a chegada da Ciência, coloca-se o indivíduo como algo acima de todas as coisas que lhe cercam, mas como estrangeiro do mundo (NISHITANI, 1982). Nesse sentir-se estrangeiro, nasce então o despertencimento, a separação e a solidão frente ao mundo. Ocorre que, por estarmos constantemente vivendo nossos cotidianos apressadamente, não percebemos a falta de sentido nos nossos hábitos, mas se déssemos atenção minimamente a todos eles claramente, veríamos o niilismo expresso à nossa volta, pois, para o autor, o: "Niilismo não é um sentimento, fantasia ou ideia subjetiva, mas uma realidade tanto quanto nossa atual existência [...] É algo em que nos encontramos todos os dias" (NISHITANI, 1982, p. 100. Tradução nossa).

Para Nishitani, o niilismo se expressou principalmente de duas formas nas culturas contemporâneas, uma de forma clara e consciente, e a outra de forma a espreitar-se nas atividades rotineiras das massas (NISHITANI, 1982). Começando pela segunda forma de niilismo tratada nas linhas anteriores, Nishitani não desenvolve muito sobre este problema especificamente, mas abre possibilidades para reinterpretarmos e percebermos a relevância crítica cultural desse seu pequeno apontamento, afinal, coloca as massas como niilistas, mas disfarçados, sem perceberem, chamando esse modelo de criptoniilismo. Este consiste nas atividades que rotineiramente damos importância ao reconhecermos a falta de sentido do mundo, precisando

então nos apegamos a algo, sejam os esportes, as corridas, o trabalho, relações, corpo, família e tantas outras atividades que nos dedicamos na busca de justificar nossa caminhada pelo mundo e nossos atos (NISHITANI, 1982). Tudo aquilo que consegue fazer com que a vida tenha minimamente um “sentido” sem que percebamos claramente essa falta, é o que Nishitani chama de criptoniilismo:

Agora, esse modo de ser do sujeito que adaptou-se na nua vitalidade da vida sob o chão do niilismo exhibe uma variedade de formas dependendo da profundidade ou do quão raso é sua adaptação. Por exemplo, o niilismo se esconde entre as tendências contemporâneas das grandes massas de pessoas que são devotas apaixonadas às corridas, esportes e outros tipos de entretenimento. Apesar de apenas flutuar na atmosfera da vida sem tornar-se algo claro, ainda sim existe um “criptoniilismo” (NISHITANI, 1982, p. 86).

A questão central nos revela que, por tratar-se de um modo de niilismo disfarçado, as massas então tendem a viver para esses sentidos sem perceberem, na realidade, que estavam somente em busca de um significado: “É um modo de ser em que o sujeito adaptou-se à uma vida de brutalidade e desejos impetuosos [...] Nesse sentido leva uma forma próximo a “instinto”; mas um modo de ser de um sujeito situada no niilismo[...].” (NISHITANI, 1982, p. 86).

A outra forma de niilismo está presente no indivíduo que percebe o que os indivíduos do criptoniilismo não perceberam, ou seja, que todas essas atividades também não carregam propriamente um sentido. O niilista consciente por assim dizer, percebe a real profundidade do problema do niilismo e de certa forma não o vive de maneira inconsciente, mas como se estivesse o tempo todo abaixo de si, como o chão que caminha (NISHITANI, 1982): “O niilismo que estamos falando tem por base uma real experiência do niilismo como fundamento para nós e todas as outras coisas” (NISHITANI, 1982, p. 96. Tradução nossa). Mas não é o suficiente para resolver o problema da falta de sentido. É necessário um passo que somente outra cultura não ocidental poderia tomar, tomar, passo que veremos no próximo parágrafo.

Perceber o niilismo é relevante, mas para o autor ainda não é o suficiente, pois assim como tratado anteriormente, Nishitani trará à sua reflexão aspectos da cultura japonesa para analisar o problema, e sua conclusão será a de que nenhum autor ocidental foi capaz de realizar a contribuição que o budismo poderia dar a esse problema (NISHITANI, 1982). A limitação para tratar do problema do niilismo nasce principalmente pelo fato de que em todos os momentos, seja no criptoniilismo ou no niilismo consciente, o indivíduo é sempre completo de consciência e subjetividade, fruto estes da grande relevância que se atribuiu a razão em toda a história do pensamento ocidental, mas o destaque de Nishitani será a René Descartes, ao enunciar o “*cogito, ergo sum*”:

Nada admito agora que não seja obrigatoriamente verdadeiro: nada sou, então, a não ser uma coisa que pensa, ou seja, um espírito, um entendimento ou uma razão[...].Então, eu sou uma coisa verdadeira e verdadeiramente existente, mas que coisa? Já o disse: uma coisa que pensa (DESCARTES, 1999b, p. 261).

Por que esse pensamento é relevante? Pois para Nishitani, ao enunciar o sujeito como a única coisa real e construtora de todas as outras coisas. Descartes conseguiu não só construir um modelo filosófico, mas também uma forma de enxergar-se no mundo que se juntaria ao modo científico de olhar para a natureza, ou seja, a ciência e a filosofia juntas conseguiram produzir o que anteriormente se apontou como o sentimento de despertencimento no mundo (NISHITANI, 1982).

Esse modelo coloca a razão e a subjetividade como os pontos mais altos da natureza e também a forma do indivíduo se reconhecer no mundo, afinal, no procedimento da dúvida metódica, o apoio existencial do indivíduo nasce fundamentalmente do pensar que constrói a realidade fora de si, separando o indivíduo do mundo e colocando o mundo fora dele simplesmente como matéria morta (NISHITANI, 1982). Descartes conseguiu com suas reflexões fazer o indivíduo se sentir em um palco como o personagem principal, enquanto todos os outros tornavam-se apenas personagens secundários do grande espetáculo chamado “eu”. A questão é que todos vivem seus espetáculos

posicionando tudo em volta como secundário e conseqüentemente, ser o principal é o fato que ocasiona a falta de sentido, afinal, sinto-me sozinho e não me conecto com nada à minha volta.

Os dois tipos de niilismo encontram-se aqui então, e apesar do segundo reconhecer-se em um mundo sem sentido, ele ainda sim fica preso a si próprio, não se sentindo parte de nada, pois ainda reconhece a falta de sentido da realidade que lhe cerca a partir do “eu”: o niilismo ainda aparece absorto em uma existência que ainda é vista como algo fora da própria existência (NISHITANI, 1982, p. 123. Tradução nossa). É com essa questão que Nishitani propõe o seu passo diferencial que é conseguir retirar esse ego como centro de tudo a partir do movimento budista do Sunyata.

5. Sunyata (vazio)

A partir de sua base filosófica budista Nishitani propõe uma possibilidade do indivíduo esvaziar-se do ego para que conseguisse solucionar o problema da falta de sentido no mundo. Portando, estar no mundo de uma forma diferente é a proposta como veremos nesse trecho do artigo.

Acostumado a enxergar o mundo a partir de si próprio, Nishitani propõe então uma intervenção diferenciada, pois percebe que a constituição do indivíduo é exatamente o problema. Sunyata (vazio) é antes de tudo muito mais do que um conceito, e tentar resumi-lo em palavras é exatamente um processo argumentativo ocidental, mas que, nesses moldes torna-se necessário.

Esvaziar-se é um processo que envolve as bases budistas da busca pelo caminho do meio, incorporando o se esvaziar a uma reta razão e visão da realidade. Tem-se como princípio a doutrina do não “si”, visão esta que atribui o movimento como constituição de realidade, não existindo nada como aquilo que atribuímos como concreto ou provido individualidade: “[...] dizer que algo é desprovido de si significa automaticamente dizer que é ‘algo’ em contínua mudança” (FERRARO, 2011, p. 51). Reconhecer esse movimento é reconhecer exatamente a inexistência do eu, do outro e de todas as coisas,

e deixando então de ser eu, torno-me o outro e todas as outras coisas, e as outras coisas e o outro tornam-se eu (ABE, 1989):

A questão central subjacente à noção de *sunyata* talvez possa ser resumida, em última instância, como um esforço supremo do pensamento budista para "... salvar o movimento, o devir, o fluxo das coisas contra sua substancialização; trata-se de alcançar sua natureza inapreensível, impermanente, irrepresentável.... Trata-se de mostrar que todas as determinações habituais são vazias (STEVENS, 1993, p.17). Tal natureza última, o *sunyata*, onde o real encontra seu enraizamento originário – de difícil compreensão para nós ocidentais, treinados na tradição metafísica-, é pelo zen budismo chamado de *nadidade absoluta*. (MICHELAZZO, 2009, p. 101)

Na perspectiva do autor, acessar o vazio seria então uma tarefa que demandaria não somente um esforço conceitual e compreensivo, afinal, se o ser não existe, a única possibilidade de acesso ao vazio seria deixar de lado tudo o que se sabe sobre si, logo é necessário esvaziar-se desse mesmo eu que ambiciona encontrar o vazio:

Afirmar o Vazio do "eu" não pode corresponder a uma posição aniquilacionista do "eu", porque não se pode querer aniquilar algo que se está afirmando não ter existência própria. A compreensão da vacuidade própria ao "eu" é a percepção de sua existência relativa e condicionada e, portanto, um convite ao desprendimento da idéia que fazemos de nós mesmos. Faz mais sentido falarmos em "extinção das paixões" pela compreensão meditativa. Alguém que tentasse, *per absurdum*, aniquilar o "eu", apenas o reafirmaria através de seu desejo de aniquilação – o que só poderia suscitar uma rede de sofrimentos, implícitos no "desejo de não ter desejos". (CHEVITARESE, 2000, p. 3)

Todo e qualquer mínimo esforço pressupõe o "eu", e então, encontrar o *sunyata* só é possível para aquele que é sem ser, que age sem agir. Aquele que também busca excessivamente esse contato, e que busca não ser, acaba buscando, e conseqüentemente sendo, logo, distanciando-se da verdadeira realidade, retornando para ilusão de desejar presenciar e conhecer aquilo que não pode ser conhecido. É a forma da não forma, e para Nishitani, "Se tudo isso soa estranho, é somente porque estamos acostumados a nos posicionarmos em bases racionais" (NISHITANI, 1982, p. 118. Tradução nossa).

A dificuldade se encontra exatamente em deixar de lado a razão, o desejo de aprender e tornar-se, uma vez ainda se esconde dentro de si o eu. Essa experiência para Nishitani é conceitualmente impossível de definir-se, devendo o indivíduo somente experienciá-la. Ao esvaziar-se consegue entrar em contato profundo com a realidade das coisas como elas sempre foram, vazias. “A existência de si, por assim dizer é a realização do vazio” (NISHITANI, 1982, p. 71. Tradução nossa). Diferente do indivíduo que conhece o mundo a partir do ego, reconhecendo em tudo a matéria e alteridade, aqui, o esquecimento de si propõe um conhecer legítimo da realidade e de tudo que existe, podendo finalmente conhecer a essencial magnitude da existência, reconhecendo o outro como a si próprio, e a si próprio como o outro (ABE, 1989), tendo os dois como característica semelhante o vazio.

Existir autenticamente seria então existir como aquilo que somos, o nada, o vazio. E aquilo que chamamos de “eu” no cotidiano, para Nishitani seria a negação da verdadeira subjetividade (NISHITANI, 1982). A possibilidade de existir no mundo sem existir, agir sem agir, escolher sem escolher e ser sem ser é a resposta de Nishitani frente ao pensamento filosófico elaborado por Descartes, uma vez que a razão aparece não mais como uma ponte, mas sim um obstáculo

Além disso, quando o base do vazio é radicalizado – e a orientação correspondente é um em que o próprio vazio é esvaziado – é como uma volta de 360 graus. Frente e trás aparecem como uma só. O ponto em que o vazio é esvaziado para tornar-se o verdadeiro vazio é o ponto em que cada e tudo torna-se manifesta possuindo sua própria talidade. (NISHITANI, 1982, p. 106, tradução nossa)

Apesar de parecer extremamente contraditório aos olhos ocidentais, destacamos novamente a ideia de Nishitani de que é algo a ser vivido, e não compreendido a partir de uma lógica racional e conceitual, um verdadeiro apropriar-se do conhecimento existencial: “A verdade budista significa adquirir conhecimento de tal maneira que torna-se uma real apropriação” (NISHITANI, 2006, p. 104. Tradução nossa).

O Sunyata para Nishitani é a possibilidade do indivíduo encontrar a própria essência e superar o problema do niilismo que o separou do mundo, afinal, o conceito não coloca a razão ou o indivíduo como superior a todas as coisas, mas como todas as coisas. Sunyata é a possibilidade de estar no mundo da forma mais profunda possível (NISHITANI, 1982), possibilitando um desvelar-se de si próprio e também de todos os seres. Não é só uma forma de entender o mundo, mas de estar no mundo e transformar-se em mundo, um “cosmo-existencialismo” (ABE, 1989, p. 12. Tradução minha). Aqui tudo conecta-se em uma originação dependente, o que gera consequências de postulado não apenas ontológico, mas também éticos, afinal é nesse modelo de existência em que me reconheço profundamente conectado com a realidade e com todos inseridos nela, permitindo novas formas de sentir e me relacionar com o mundo que me cerca:

A necessidade deste princípio (de originação dependente) jaz particularmente no fato de [...] livrarmos-nos do sofrimento ao aplicarmos os métodos que são subjacentes a tal compreensão. Além disso, este entendimento nos torna capazes de ajudar as outras pessoas. O simples fato de compreendermos o mecanismo de funcionamento daquilo que se manifesta, nos torna aptos a experimentar e compartilhar, sem engano, tal sabedoria (GOUVEIA, 2018, p. 106).

Considerando a profundidade que o niilismo penetrou em nossa sociedade, reflexões como estas deveriam aparecer com mais frequência ao grande público enquanto possibilidade de reflexão. Possibilidades e ensinamentos tão relevantes para o mundo contemporâneo que se apresentavam na perspectiva de Nishitani a partir da religião aos moldes primitivos, modelos de contribuições estes que foram esquecidos pelas instituições religiosas, que se enxergam e se apresentam atualmente de maneira distinta do passado (NISHITANI, 2006). Crítica realizada pelo autor e analisada no último tópico deste artigo.

6. A relevância da religião

Toda a análise realizada anteriormente demonstra que o mundo contemporâneo tem demandado conscientemente ou inconscientemente respostas e contribuições para minimizar os problemas atuais. Contribuição esta que antes do advento do modelo científico de pensar que contribuiu para o agravamento da falta de sentido, vinha da religião primitiva na perspectiva de Nishitani: "Estamos aqui a considerar figuras religiosas como Shinran, Døgen, Jesus, ou qualquer um que concretamente abrace uma forma básica de viver" (NISHITANI, 2006, p. 29. Tradução nossa).

A religião para o autor é vista como uma forma de contribuir para a caminhada do indivíduo no mundo, dando sentido às suas ações, fazendo com que ele perceba sua conexão com a natureza e também com outros indivíduos a partir de uma busca de fundamentar sua existência. Tarefa esta que Nishitani destaca como principais objetivos acerca dos moldes primitivos do cristianismo e do budismo. As duas religiões tinham como princípio propor reflexões e intervenções que agissem diretamente na vida dos indivíduos, algo que não se manteve como objetivo integral ao longo do tempo (NISHITANI, 2006).

Na perspectiva do autor, a religião ao longo dos anos perdeu ~~esse~~ seu caráter fundamental ao deixar de lado esse contato mais direto e constante com o mundo cotidiano para dedicar-se muitas vezes às rotinas das instituições religiosas:

Desnecessário dizer, serviços religiosos e o estudo dos dogmas vieram a existir contra o passado das próprias tradições históricas, e continuaram a suportar suas respectivas organizações religiosas até hoje. O que é necessário agora é trazê-las à suas origens uma vez mais [...] Essa práticas religiosas eram dadas como uma maneira de existir por si próprias. É muito importante trazer esse modelo de vida de volta [...] (NISHITANI, 2006, p. 26. Tradução nossa).

Interessante perceber a distinção que Nishitani faz de religião com instituições religiosas, pois para o autor, a religião é o que fundamenta e auxilia o indivíduo na sua busca por respostas e que tenta contribuir para as respostas

cotidianas, enquanto as instituições religiosas parecem ter dedicado o tempo a resolver os problemas criados pelas próprias instituições, dedicando-se aos rituais e estudos dogmáticos, assim distinguem-se antes de tudo para o autor a partir do fato de que a primeira “não tem relação com o educacional em que um tenta refletir com os próprios conhecimentos qual o significado desta ou aquela palavra” (Nishitani, 2006, p. 27. Tradução nossa), mas enxerga a religião como “uma maneira de viver” (Nishitani, 2006, p. 42. Tradução nossa).

Nishitani então evidencia sua crítica não ao fato da existência das instituições religiosas, mas sim ao fato destas terem se trancado em seus espaços e esquecido da função primordial da religião. O autor aponta que estas deveriam então não somente sair para entrar em contato com o mundo novamente, mas um contato com o mundo a partir das necessidades do mundo, na linguagem do deste, solucionando os problemas das pessoas comuns, e não sair visando solucionar problemas religiosos fundados pelas instituições:

Eu sustento a visão de que esta descida deve ser acompanhada de uma transformação fundamental de atitude que consiste em ver o exterior pisando fora de uma instituição religiosa ao invés de manter a postura de enxergar, mas a partir de dentro. O que é demandado por aqueles que pertencem à uma organização religiosa é alcançar a transformação de atitude apesar do fato de ainda participarem de uma organização religiosa. (NISHITANI, 2006, p. 47. Tradução nossa).

Para evidenciar melhor a necessidade que os indivíduos têm da religião, Nishitani recorre a uma alegoria em que explicita a necessidade da religião, mas não em excesso por assim dizer. Para o autor é como se uma pipa fosse a modernidade, e sem um fio, ela voa desgovernada e sem rumo. O fio da pipa seria a religião, que lhe dá segurança e estabilidade. Se o fio for muito curto, dogmático, por assim dizer, a pipa não voa, e sem o fio, a pipa voa sem critérios (NISHITANI, 2006). Nishitani então, a partir de suas reflexões, busca com a religião, não exterminar a ciência ou colocar o modo de vida religioso como aquele que deve ser seguido e adorado como se é feito nas instituições religiosas, mas propor reflexões a partir da leitura religiosa que auxiliem o

indivíduo a se enxergar no mundo e tornar o vazio não algo a ser evitado, mas encontrado e vivido para que a realidade se demonstre de uma nova forma.

Considerações finais

Ao analisar esse trabalho como um todo, nota-se primeiramente a relevância do movimento histórico ocorrido no Japão por Nishi Amane, Nishida Kitaro entre os membros da Escola de Kyoto não somente pelo movimento interno de realizar essa inserção da cultura ocidental no Japão e de seus estudos, mas também da contribuição feita por todos eles à história do pensamento universal, realizando um movimento ímpar ao conseguir a partir dos modelos ocidentais de se realizar o pensar, reinterpretar o pensamento japonês a esses mesmos moldes construindo a possibilidade de uma análise acadêmica, por assim dizer, desses conceitos e representações que soavam distantes quando tratadas no espaço das academias filosóficas, e que agora tornam-se acessíveis.

Outro ponto destacado pelo trabalho é a interpretação que Keiji Nishitani, autor fruto de todo esse movimento, realiza sobre seu tempo tendo como instrumentos os conceitos japoneses e ocidentais. Para o autor o problema do niilismo é real e evidente quando nos permitimos enxergá-lo. O niilismo surge principalmente a partir das movimentações do Renascimento e do nascimento da ciência somados ao *cogito* cartesiano que possibilitaram uma emancipação da relação homem, Deus e natureza, relação essa que fornecia ao indivíduo uma certa conexão com a realidade e o espaço que o cercava. Relação esta que desmanchada tira os alicerces do indivíduo que justifiquem ou deem sentido à sua existência, restando-lhe apenas o niilismo. Este modelo de estar no mundo se sustenta tanto para aqueles que o vivem sem saber, resultando em uma série de buscas visando justificar a falta de sentido, ou aqueles que encaram o niilismo em toda a realidade a partir de uma análise consciente, o que é um grande passo, mas para o autor, ainda insuficiente para superar o ego como única forma de estar no mundo.

A superação do niilismo para Nishitani só pode ocorrer a partir do esvaziar-se. Sunyata para o autor é a possibilidade de abandonar o que se

tem como subjetividade fundada na razão para entrar em contato profundo com a natureza e com a realidade, pois essa se demonstrará a partir de sua verdadeira essência, e não aos olhos do *cogito*. Este contato não ocorre a partir do ego, mas de uma conexão real entre todos os seres, conexão essa que tem como princípio exatamente o fato de que todos são vazios. O *sunyata* que tem como base a doutrina do não-si possibilita uma verdadeira conexão com o transformar-se e uma nova relação com a realidade. Reflexão esta que transborda tanto para questões ontológicas quanto questões éticas, afinal, uma nova relação com o mundo nasce, assim como é o objetivo do budismo, um novo agir e estar no mundo.

A religião para o autor tem como função principal propor exatamente esse tipo de movimento para o indivíduo, ou seja, novas formas de caminhar sobre o mundo. Utilizando-se de referências como Buda e Cristo, Nishitani aponta a relevância das religiões em seus moldes primitivos quando seus objetivos não eram meramente construir conceitos, mas transformar os ensinamentos em verdadeiras possibilidades de existir de maneira distinta. Objetivo este distorcido pelas instituições religiosas que na leitura do autor se preocupam muito com seus respectivos rituais e estudos internos, esquecendo-se do mundo externo. Nesse sentido, para Keiji Nishitani é necessário que a religião retorne ao seu papel fundamental de auxiliar os passos dos indivíduos para que estes não se percam em mundos tão modernos, ou para que o que existe de humano e do todo em nós também não se torne esquecido.

REFERÊNCIAS

ABE, Masao. **Zen and Western Thought**. Honolulu: University of Hawaii Press, 1989.

AKITOMI, Ktsuya. Sobre o niilismo e o vazio – Nishitani e Heidegger. In: FLORENTINO NETO, A.; GICOIA JR., O. (Org.). **Heidegger e o pensamento oriental**. Uberlândia: EDUFU, 2012. V. 1. p. 109-124.

ANDRADE, Clodomir B. de. O caminho e as suas etapas: as quatro nobres verdades (catvaryasatyai), o nobre óctuplo caminho (rygikamarga) e os estágios dos buscadores. **Kriterion**, v. 57, p. 105-125, 2016.

CHEVITARESE, L. O conceito de Vazio na tradição budista. Uma perspectiva ontológica? In: CHEVITARESE, A.; ARGÔLO, P.; RIBEIRO, R. (Orgs.). **Sociedade e religião na antiguidade oriental**. Rio de Janeiro: Fábrica de Livros, 2000.

DESCARTES. **Discurso do Método**. São Paulo: Nova Cultural, 1999a. p. 33-100.

DESCARTES. **Meditações**. São Paulo: Nova Cultural, 1999b. p. 233-334.

FERNANDES, E. Ideias Fundamentais sobre a Natureza na China e no Japão. **Revista brasileira de filosofia da religião**, v. 5, p. 10-31, dez. 2018.

FERRARO, Giuseppe. Dimensões filosóficas da doutrina budista do anatma (não-si). **Religare**, v. 8, p. 8, 2011.

GOUVEIA, Ana Paula Martins. Originação Dependente: Uma Perspectiva sobre a Construção da Realidade Percebida. **Revista brasileira de filosofia da religião**, v. 5, p. 100-117, 2018.

GOUVEIA, Ana Paula Martins. O filosofar budista: breves reflexões sobre o fazer filosófico e as suas motivações. **Kriterion**, v. 57, p. 189-205, 2016.

HEISIG, James W. **Philosophers of Nothingness**. Honolulu: University of Hawaii Press, 2001.

MICHELAZZO, José Carlos. Ser e Sunyata: os caminhos ocidental e oriental para a ultrapassagem do caráter objetificante do pensamento. In: LOPARIC, Zeljko (Org.). **A Escola de Kyoto e o Perigo da Técnica**. São Paulo: SWW Editorial, 2009. p. 95-122.

NISHITANI, Keiji. **Religion and Nothingness**. Trad. Jan Van Bragt. Berkeley: University of California Press, 1982.

NISHITANI, Keiji. **On Buddhism**. Trad. Seisaku Yamamoto; Robert E. Carter. Albany: State University of New York Press, 2006.

SANTOS, E. S.; MORAIS, S. P. Pressupostos para o não-saber: do niilismo ao desfazimento do eu e a vacuidade em Nishitani. **Voluntas: estudos sobre Schopenhauer**, v. 10, p. 49-62, 2019.

NOTAS

¹Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).

²Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual de Londrina (UEL).